

## **FORMAÇÃO DE ELITES CULTURAIS DO ALTO-MINHO NO SÉCULO XIX - Abordagem aos Livros de Recenseamento Militar -**

Por HENRIQUE RODRIGUES\*

### **1- INTRODUÇÃO**

Ao procedermos a um levantamento sistematizado sobre elites culturais do Alto-Minho, <sup>(1)</sup> à data em que os jovens eram submetidos ao recenseamento militar, <sup>(2)</sup> destacamos cerca de mil e novecentos mancebos identificados profissionalmente com actividades que pressupõem o domínio das competências da leitura, da escrita e da "contabilidade". <sup>(3)</sup>

\* Doutor em História Moderna e Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Professor da ESE de Viana do Castelo (hrodrigues@ese.ipv.pt)

A primeira versão deste texto serviu de base à nossa comunicação: *Alunos, Professores e Caixeiros do Alto-Minho na segunda metade do século XIX, uma abordagem aos Livros de Recenseamento Militar*, apresentada ao «III Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação», Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2000.

<sup>1</sup> O retrato das elites locais no antigo Regime é diferente do que aqui apresentamos para os agentes sócio-culturais, centrados na trilogia que envolve o detentor/aprendiz dos saberes letrados e os difusores dos mesmos, (estudante, caixeiro e professor) tanto mais que em «*um quarto das câmaras portuguesas, ainda no início do século XIX, existiam vereadores que assinavam de cruz*», sublinha MONTEIRO, Nuno G. F.- *Elites e Poder Local entre o Antigo Regime e o Liberalismo*, Lisboa, Imprensa das Ciências Sociais Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2003, p. 51. Outra abordagem às elites sócio-políticas e intelectuais, para o século XIX, pode ser observado através do trabalho de RAMOS, Rui- *A Formação da Intelligentsia Portuguesa (1860-1880)*, in «*Análise Social*» vol. XXVII, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1992, pp. 483-528.

<sup>2</sup> O primeiro objectivo desta recolha foi o de estudarmos a mobilidade do sexo masculino no século XIX, a partir de uma base de dados onde reunimos mais de oito mil fichas, para cruzamento com outras fontes.

<sup>3</sup> No meio rural, o estudante adulto, nem sempre em frequência dos estudos superiores civis ou religiosos, assim como o professor detêm um papel importante como figuras dominantes e agentes

Trata-se de homens que, aos vinte anos, prosseguiram os estudos, desempenhavam o múnus da leccionação ou exerciam funções profissionais ligadas ao comércio e negócio, os caixeiros. <sup>(4)</sup> Estes, para desempenharem a respectiva actividade, deviam estar munidos de habilitações identificadas pela expressão “*ler, escrever e contar*”, motivo que nos levou a inseri-los nesta abordagem. <sup>(5)</sup>

A evolução sócio-profissional, especialmente entre os que se dedicaram ao comércio, passou por uma hierarquia cujo registo começa com a identificação de estudante, para, de seguida, exercerem funções de caixeiro. <sup>(6)</sup> Desta forma, encontramos-nos perante uma lógica cuja evolução passa pelas primeiras fases, a de estudante e caixeiro; mais tarde, quando adultos, atingem o estatuto de comerciantes/negociantes para, no auge de uma carreira com sucesso, obterem o perfil de proprietários.

Com este trabalho, cujo âmbito cronológico se situa na segunda metade do século XIX, pretendemos alertar para uma fonte onde é possível observar sincronicamente alguns actores que ascenderão na escalada social, escol ligado

de reprodução dos saberes escolares. A estes juntam-se, por razões de ofício, os caixeiros, pessoas geralmente escolarizadas que exercitam profissionalmente as aprendizagens escolares e as reproduzem, directa ou indirectamente. Desta forma, sem pretender problematizar a questão das elites, constituem um grupo privilegiado socialmente, um escol instruído e intelectual, que acabará por deter e gerir poderes específicos. É neste sentido que justificamos o título deste trabalho.

<sup>4</sup> Consideramos que estes jovens do distrito de Viana do Castelo, mancebos em idade de cumprimento do serviço militar, formam a nata. Sendo uma minoria, eram os mais distintos, por isso usamos a expressão *elite cultural e intelectual*.

<sup>5</sup> Não se trata de apartar um grupo minoritário, do topo da hierarquia, reconhecido pelos privilégios e prestígio. Analisamos um conjunto de indivíduos do sexo masculino, na idade de mancebos, que cobrem um distrito e que são classificados com indicadores de “habilitações” que lhes permitem constituir, mais tarde, o conjunto de intelectuais, devido à formação académica superior, além dos que assumirão o sector do negócio e do comércio, como aconteceu relativamente aos emigrantes saídos para o Brasil. Assim, os padrões de cultura, os rendimentos e os níveis de fortuna estarão mais facilmente ao alcance destes indivíduos aqui estudados. Sobre o conceito de elite e classes médias ver FONSECA, Fernando Taveira- *Elites e Classes Médias*, in *História de Portugal*, quinto volume, direcção de MATTOSO, José- Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, pp. 459-477.

<sup>6</sup> Há, entre o corpo discente do Liceu Nacional de Viana do Castelo, vários estudantes identificados como naturais do Brasil que obtiveram passaporte de regresso à terra natal, no decorrer da centúria em estudo.

ao aparelho da magistratura, ao exército, lentes universitários, funcionários públicos e outras actividades onde intervêm as elites. <sup>(7)</sup>

Descobrimos em que terras se formavam os estudantes, futuros quadros profissionais, <sup>(8)</sup> e ficamos a conhecer o perfil sócio-profissional e familiar destes rapazes, quando tinham vinte anos, que áreas geográficas mais expressivamente se destacaram e mesmo qual o destino/residência à data em que eram sorteados para cumprirem os deveres militares. Por se tratar de uma lista onde identificamos os pais e irmãos, podemos, ainda, fazer outros cruzamentos para avaliar o impacto da formação académica e profissional dos mancebos do Alto-Minho, no século XIX.

Sabemos que os adolescentes, quando o núcleo familiar tinha capacidades financeiras, eram enviados para o Brasil, <sup>(9)</sup> antes de atingirem os catorze anos, e que outros, nascidos em Terras de Vera Cruz, vieram formar-se em Portugal. Os que aqui analisamos irão, certamente, formar um grupo que constituirá a elite sócio-cultural do Alto-Minho, a que se juntarão, mais tarde e depois de bem sucedidos no Brasil, os emigrantes jubilados com sucesso. <sup>(10)</sup>

<sup>7</sup> Para uma visão geral da evolução profissional destas elites, consultar SANTOS, Maria de Lourdes Costa Lima dos- *Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de Oitocentos*, Lisboa, Presença, 1985.

<sup>8</sup> O estudante ingressava muito jovem na Universidade, podendo fazê-lo pelos quinze/dezasseis anos. Sabemos que, na segunda metade do século XIX, mais de 36% dos professores universitários iniciaram os estudos na academia com 16 anos ou menos, refere CRUZEIRO, Maria Eduarda- *Os Professores da Universidade de Coimbra na segunda metade do século XIX*, in «Análise Social» vol. XXVII, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1992, pp. 529-537.

<sup>9</sup> Cf. RODRIGUES, Henrique Fernandes- *Alto-Minho no século XIX, contextos migratórios, sócio-culturais e familiares*, dissertação de doutoramento, Porto, FLUP, 2003.

<sup>10</sup> Registamos, como trabalhos científicos onde se abordam os reflexos de sucesso, a obra de Jorge Alves, para ilustrar indivíduos com tal perfil, como foi Júlio Dantas, emigrantes que regressaram e ocuparam cargos de destaque social, mas o património arquitectónico, «a casa do brasileiro», é indicador da ascensão social de alguns. O refluxo existe como desejo implícito desde o acto da partida. Os modelos de retorno podem dividir-se em: antecipado (quando se regressa volvido pouco tempo depois de sair de casa); retorno falido, quando ocorre uma frustração nos objectivos da saída; retorno circular, quando existem dois locais de residência, um na terra de acolhimento e outro na de origem; retorno de jubilação, quando se atingem os objectivos e existe o regresso definitivo. Estes modelos podem ser aplicados para a emigração do Brasil. Ver, sobre esta problemática, EGEA, Cármen; RODRÍGUEZ, Vicente RODRÍGUEZ- *Tipos de retorno de los emigrantes jubilados. El caso de los emigrantes de la provincia de Jaén*, comunicação ao VII Congresso de la ADEH, Granada, Facultad de Letras e Filosofía, 2004.

## 2- A FONTE

Os livros de recenseamento militar, por nós estudados, constituem um *corpus* documental do Arquivo do Governo Civil de Viana do Castelo com mais de trezentas peças. <sup>(11)</sup> Trata-se de cópias autênticas que as câmaras municipais enviaram para os Governos Cíveis, as quais, por vezes, ainda conservam o respectivo ofício que acompanhava o “livro”, além dos índices das freguesias <sup>(12)</sup>. Alguns “cadernos” não têm forma de livro e foram agrupados em pastas apropriadas pela equipa responsável pelo tratamento arquivístico.

Nem sempre encontramos uma informação sistematizada e uniformizada, pois as comissões de recenseamento, por vezes, não anotaram todos os elementos

<sup>11</sup> Esta fonte tem origem na lei de 27 de Julho de 1855. No artigo nº 26 vemos que era atribuída às câmaras e comissões de recenseamento «a responsabilidade de organizar o caderno de recenseamento», o qual devia estar estruturado por freguesias e nestas, por ordem alfabética, o registo dos mancebos. (Cf. *Diário do Governo* nº 201 de 27 de Agosto de 1855, pp. 1099 a 1101). Desta série documental, manuseámos 319 livros, pelo que não comporta aqui a referência da cota individual de cada peça, cujo âmbito cronológico abarca o período entre 1856-1899. As existências no arquivo do Governo Civil de Viana do Castelo (A.G.C.) são as seguintes: Arcos de Valdevez 41 livros, 1857-1899; Caminha 34, 1857-1897; Melgaço 40, 1856-1898; Monção 29, 1857-1899; Paredes de Coura 14, 1857-1899; Ponte da Barca 17, 1857-1898; Ponte de Lima 35, 1857-1898; Valença 39, 1856-1897; Viana do Castelo 40, 1856-1899; Vila Nova de Cerveira 30, 1856-1898. Anote-se que poucos trabalhos têm sido elaborados com base nestes livros. Devemos sublinhar, além das nossas publicações, a produção científica de Joaquim Costa Leite e Jorge Fernandes Alves que exploraram, com finalidades diferentes, este tipo de fontes, o primeiro para avaliar a cultura física dos mancebos e Jorge Alves para estudar a mobilidade geográfica. Ver ALVES, Jorge Fernandes- *Os Brasileiros, emigração e retorno no Porto Oitocentista*, Porto, Ed. Autor, 1994, pp. 136-161; LEITE, Joaquim Costa- *A Estatura das Populações como Indicador de bem-estar: o caso dos mancebos do Distrito de Porto em 1890*, comunicação apresentada no XVII Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social, Universidade dos Açores, Novembro de 1997; RODRIGUES, Henrique- *Os livros de recenseamento Militar como fontes para o estudo da emigração para o Brasil no século XIX*, comunicação ao Congreso Internacional de la Población, V Congreso de la ADEH, Logroño, actas, pp. 299-312. RODRIGUES, Henrique- *A Emigração clandestina de Portugueses para Espanha no século XIX (análise dos livros de recenseamento militar, 1855-65)*, separata de “I Conferencia Europea Migraciones Internas”, vol. II, Santiago de Compostela, C.I.D.H., 1993, pp.309-326.

<sup>12</sup> Há livros que mantêm, no interior e separado do respectivo corpo, o ofício de envio pela câmara de onde eram originários, mapas de recrutas e mesmo listas de freguesias, o que revela que tais cópias foram recebidas e “arrumadas” com estes documentos.

de identidade como: a *data de nascimento, estatura, naturalidade, residência, profissão, condição social*, quando se trata de órfãos, expostos ou filhos ilegítimos, além de outros dados que permitiam descobrir qual a posição sócio-cultural, profissional e o enquadramento familiar do mancebo. A indicação do nome do pai, da mãe e da terra onde se encontra o jovem integram um conjunto de referências constantes, excepto quando se desconhecia o local de fixação.

Para a elaboração dos *livros* era importante o apoio das Juntas de Paróquia, tarefa onde colaboraram as autoridades autárquicas, párocos e regedores que obtinham os dados sob juramento, <sup>(13)</sup> o que confere total credibilidade às informações existentes sobre os rapazes chegados aos vinte anos, pois ninguém melhor do que aquelas personalidades para nos informar sobre os mancebos.

No concelho de Caminha, detectámos falhas bem significativas para a década de 1880, enquanto que para Viana do Castelo não há cópias relativas ao período entre 1888 e 1896. Paredes de Coura surge com falta de muitos livros, pois só cobrem dezassete anos, sendo a década de 1880 a que melhor conjunto detém. Os municípios dos Arcos, Valença, Ponte de Lima e Ponte da Barca são os que se encontram mais completos <sup>(14)</sup>.

A importância desta fonte, -além do estudo sobre mobilidade masculina, aspectos da antropometria e perfis sócio-profissionais e familiares- é relevante por permitir cruzamentos com outras de carácter demográfico, já que nos facilita a localização dos jovens, volvidos vinte anos após o nascimento, por isso pode contribuir para enriquecer trabalhos relativos à população, especialmente sobre expostos e emigrantes do sexo masculino.

<sup>13</sup> Cf. *Diário do Governo n.º 201* de 27 de Agosto de 1855, pág. 1099, ( capítulo IV, art. 19º e 20º da lei citada).

<sup>14</sup> O Arquivo do Governo Civil de Viana do Castelo, A.G.C., bem conservado, foi alvo de algumas atrocidades, especialmente na década de 1970, quando o actual edifício entrou em obras de restauro. Todo o espólio esteve acondicionado precariamente, sem as condições mínimas para o efeito. Daqui resultou uma destruição natural, desintegração, seguido de mistura de muitos documentos e da perda irremediável de outros, como nos confirmaram alguns funcionários que estiveram directamente envolvidos na tarefa de limpeza e organização deste espólio documental. Hoje, ainda são visíveis marcas que denunciam atropelos, tais como documentos por nós compulsados, com vestígios de terem estado envolvidos num ambiente de muita humidade e lama, marcas indistigíveis, como a impressão dos frisos de calçado gravada em documentos que foram pisados.

Porque a série existente no Arquivo do Governo Civil, para o século XIX, não exhibe a totalidade de “cadernos”, recomendamos a consulta nos arquivos municipais, embora Paredes de Coura se apresente com muitas falhas de originais.  
(<sup>15</sup>)

### 3 - PROFESSORES À IDADE DO RECENSEAMENTO

Os jovens do sexo masculino que aos vinte anos desempenhavam a actividade docente representam cerca 1,5% dos valores totais, neste grupo onde também incluímos estudantes e caixeiros. Os concelhos Ponte de Lima e Viana do Castelo são os que mais se destacam com percentagens relativas, as quais estão situadas entre os vinte e quatro e os trinta e um por cento. Note-se que há mestres das primeiras letras registados como residentes fora do local de nascimento, distribuídos por Braga, Porto, Santo Tirso e Anadia, enquanto que dos restantes só temos elementos sobre a naturalidade, sendo esta interpretada como local onde exercem o magistério.

Se alguns têm a informação de que se trata de agentes do ensino primário, outros estão classificados como educadores do sector particular e são: Manuel Lima Viana e António Martins Silva, em Viana do Castelo; António Martins, em Monção e António Tomás Teixeira, na vila de Valença. Com vínculo ao ensino público temos, a exercer funções em Anadia, Miguel Martins Oliveira, natural de Nogueira, Viana do Castelo.

Caminha, Monção e Vila Nova de Cerveira só indicaram, para cada um destes concelhos, um mancebo que leccionava, enquanto que, com esta idade, não os havia em Melgaço. Os restantes municípios, como podemos ver no quadro 1, além de Viana do Castelo e Ponte de Lima, apontaram dois ou três elementos.

Esta categoria profissional apresenta três membros cujos indicadores sócio-familiares são de destaque, pois as mães foram arroladas com o título de *Dona*.

<sup>15</sup> Ver, para todos os concelhos, *Recenseamento dos arquivos locais, câmaras municipais e misericórdias*, vol. 3, coordenação PEREIRA, Maria Olinda Alves- Lisboa, Ministério da Cultura, 1996.

Mais quatro rapazes nasceram fora do casamento, estando identificados como filhos ilegítimos ou não tendo pai, por isso só possuem o nome da respectiva mãe, com a nota de que se trata de mancebos frutos de relações não legitimadas pelo matrimónio. Uns e outros indiciam que a procedência sócio-familiar era destacável, aos quais foi proporcionado o acesso à carreira do magistério, o que só era possível, especialmente para os filhos ilegítimos, se a família tivesse bons recursos financeiros para os apoiar na formação académica conducente à actividade profissional de professor.

Os homens que à idade de prestar serviços militares tinham como missão o ensino nasceram a partir de 1839. São os da década de 1850 que mais expressão exibem, num total de doze indivíduos que conseguiram formar-se na arte de educar crianças, quase sempre profissionalmente identificados como professores das primeiras letras, embora tenham sido registados três com o título de *mestre escola* <sup>(16)</sup>.

#### 4 - ESTUDANTES

Os homens que aos vinte anos gozavam do estatuto académico, aqui indicados por oito centenas, destacam-se, pelos valores quantitativos, em Viana do Castelo, onde cerca de vinte e seis por cento são desta área. Os concelhos dos Arcos de Valdevez e de Ponte de Lima revelam um volume mais expressivo, logo a seguir a Viana do Castelo, com totais que ultrapassam a centena, enquanto que Caminha, Monção e Valença não passam dos dez por cento, com números a situarem-se

<sup>16</sup> A década de 1870, especialmente com a reforma de 1878, viu crescer o número de escolas públicas, assim se explica o facto de haver jovens a ingressarem no ensino oficial antes de cumpridos os deveres cívicos. Ver, sobre professores, entre outros, NÓVOA, António- *Le temps des professeurs*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987. Para o Alto-Minho, onde se apresentam as listas de professores particulares e oficiais até 1862, ver RODRIGUES, Henrique- *Emigração e Alfabetização, o Alto-Minho e a Miragem do Brasil*, Viana do Castelo, Governo Civil de Viana do Castelo, 1995. RODRIGUES, Henrique- *Escolarização e Alfabetização no Alto-Minho na Segunda Metade do Século XIX*, comunicação ao VII Congresso da ADEH, Granada, Faculdade de Letras, 2004, (no prelo).



na casa das sete dezenas. Se, entre as restantes áreas, Melgaço atinge uma percentagem de sete pontos, Paredes de Coura, Ponte da Barca e Vila Nova de Cerveira não indicaram mais de quatro dezenas de jovens estudantes.

O registo por concelho apresenta cinco casos provenientes de outras áreas para o distrito: um de Esposende a residir em Viana do Castelo; outro nascido em Barcelos e fixado nos Arcos de Valdevez; em Valença há três, um oriundo do Porto, outro de Vila Verde e um rapaz nascido no Brasil, <sup>(17)</sup> um estudante brasileiro de teologia arrolado nos livros de recenseamento militar dos Arcos de Valdevez. Por se tratar de um número de escolares tão reduzido, incorporamos estes indivíduos nos concelhos onde aparecem inscritos para cumprimento do serviço militar

Este sector da demografia das elites representa, entre os totais globais, cerca de quarenta e dois por cento, com um cômputo de oitocentos casos devidamente classificados no Alto-Minho. Se aos estudantes juntarmos os professores teremos mais de trinta e três por cento, cabendo aos caixeiros o maior peso entre os futuros quadros da elite sócio-profissional e cultural do distrito de Viana do Castelo na centúria de oitocentos.

#### **4.1- PERFIL SÓCIO-FAMILIAR DO ESTUDANTE**

No conjunto de aulistas alguns apresentam um perfil familiar depauperado, se assim entendermos os lares sem um ou os dois membros progenitores. Uns porque são órfãos, outros nasceram ilegalmente, filhos de mães solteiras, e ainda há os expostos, frutos do adultério, por vezes de mulheres casadas cujos maridos estavam ausentes no Brasil. <sup>(18)</sup>

<sup>17</sup> Sobre estudantes naturais do Brasil formados em Portugal, ver SILVA, Francisco Ribeiro da- *O Colégio da Real Irmandade da Lapa da Cidade do Porto (1800-1832)*, comunicação apresentada ao «III Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação», Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2000.

<sup>18</sup> Ver, sobre esta problemática, RODRIGUES, Henrique Fernandes- *Alto-Minho no século XIX, contextos migratórios, sócio-culturais e familiares*, Porto, FLUP, 2003, pp. 983-1160.



Os que foram abandonados, identificados por expostos <sup>(19)</sup>, e estudavam aos vinte anos, tendo vencido todas as adversidades decorrentes da rejeição ao nascimento e aqui arrolados, são em número pouco expressivo. Parece-nos, todavia, importante pormenorizar os aspectos sócio-profissionais, já que se trata de jovens que beneficiaram de bom acolhimento ou foram recuperados pelos ascendentes.

Há dois reclamados pelas respectivas mães e um foi acolhido pela avó, o que lhes permitiu um crescimento e apoio mais condignos num ambiente sócio-afectivo. Mais destacável é o caso de Alfredo Félix, por estar explicitamente identificado como futuro sacerdote, pois era estudante de teologia aos vinte anos. <sup>(20)</sup> Foi arrolado na freguesia de Penso, concelho de Melgaço, e nasceu a 22 de Março de 1877. Não temos referências aos nomes dos respectivos progenitores <sup>(21)</sup>. Por estar no Seminário a «*estudar teologia*.» e ter sido sorteado para cumprir o serviço militar, reclamou. Um outro escolar, Narciso Cruz Exposto, com o perfil de mancebo, baptizado em Anais, concelho de Ponte de Lima, em 9 de Fevereiro de 1869, foi criado pela ama Ana Joana da Costa. <sup>(22)</sup> Pouco mais aparece anotado sobre este colegial.

Encontramos dois com o nome da respectiva mãe. António Pádua da Silva, da Labruja, Ponte de Lima, filho de Ana Maria Silva, nasceu a 26 de Fevereiro de 1869. <sup>(23)</sup> Francisco Exposto, filho de Maria Silvina, mãe solteira, natural de

<sup>19</sup> A historiografia portuguesa tem dado um bom contributo para o estudo da circulação de crianças e de expostos, contudo são raros os que abordam a área da formação e evolução sócio-cultural. Entre outros trabalhos, remetemos o leitor para: SÁ, Isabel Cristina dos Guimarães Sanches e- *A circulação de crianças na Europa do Sul: O caso dos expostos do Porto no século XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995; MOREDA, Vicente Pérez- (coord.), *Expostos e Ilegítimos na Realidade Ibérica, do século XVI ao presente, actas do III Congresso da ADEH (Associação Ibérica de Demografia Histórica)*, vol. 3, Porto, Edições Afrontamento, s.d.

<sup>20</sup> Cf. A.G.C., *Livro de Recenseamento, ano de 1897*, folha 10.

<sup>21</sup> Entre os emigrantes, há expostos oriundos de famílias socialmente destacáveis. Um caso que chamou a nossa atenção refere-se a um jovem, filho de um sacerdote que educou o progenitor e o enviou para o Brasil. No contexto educativo, o facto de haver um seminarista exposto, pode indiciar que se trata de uma situação idêntica à que descrevemos, embora não tenhamos provas documentais que nos permitam asseverar tal conjectura.

<sup>22</sup> Cf., A.G.C., *Livro de Recenseamento, ano de 1889*, referente a Ponte de Lima.

<sup>23</sup> Cf., A.G.C., *Livro de Recenseamento, ano de 1889*, referente a Ponte de Lima

Caminha, nasceu a 16 de Agosto de 1865 e foi abandonado na roda de Viana. <sup>(24)</sup> Um outro estudante integrado no seio familiar, José Ernesto de Sousa. Foi exposto na cidade de Viana do Castelo, registado a 27 de Setembro de 1876 e educado pela própria avó, Maria Rita de Sousa. Mais tarde reclamou, o que lhe valeu a dispensa do serviço militar, pois argumentou que prestava o respectivo amparo à dita avó.

Estes são o exemplo do sucesso de jovens a quem as mães abandonaram, depois resgataram, acolheram e proporcionaram apoios que lhes terão permitido ultrapassar a marcas flageladoras da exposição, tendo conseguido destaque sócio-profissional diferente da grande maioria dos jovens do século XIX que não emigraram <sup>(25)</sup> rumo ao Brasil.

Os mancebos vindos à luz do dia à margem dos estatutos da família, aqui identificados por ilegítimos, merecem destaque por representarem cerca de oito por cento entre os académicos e por se tratar de rapazes oriundos, na sua maioria, do concelho de Caminha, embora não tenhamos registos em relação a Cerveira e Paredes de Coura.

Poucos elementos de realce nos fornecem. Podemos dizer que há quatro jovens cujas genitoras foram apresentadas como originárias de um quadro social das elites, pois o nome iniciado por *Dona* a tal infere. Também a distribuição pelos centros de ensino não exhibe informação de relevo, tendo sido anotado que eram *estudantes*.

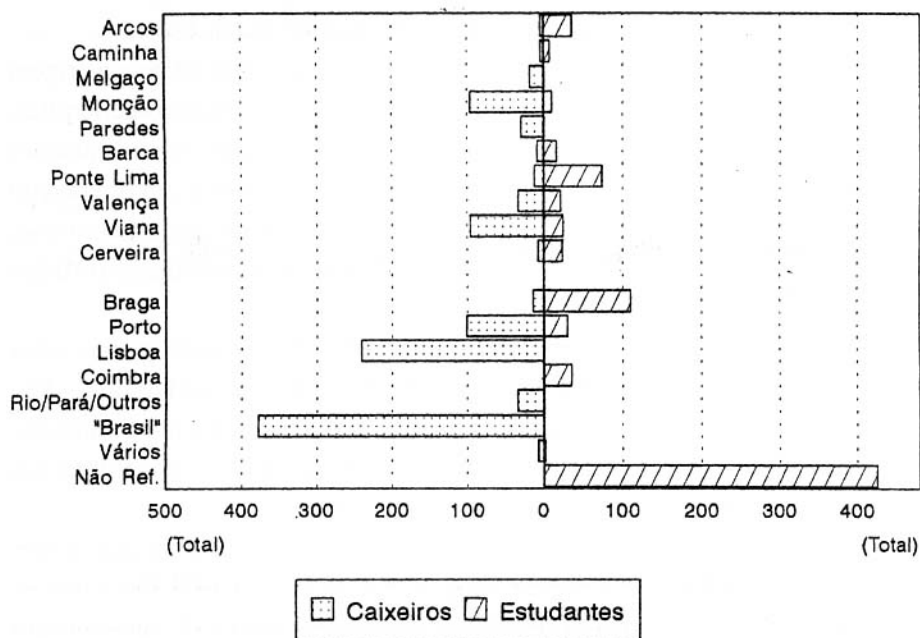
Há quatro elementos a residir em Braga, onde frequentavam, provavelmente, o seminário, mas a fonte não nos confirma tal destino. Sabemos que havia filhos ilegítimos preparados para a vida eclesiástica, como aconteceu a um exposto anteriormente mencionado a frequentar os estudos conducentes à formação teológica e religiosa.

<sup>24</sup> Cf., A.G.C., *Livro de Recenseamento, ano de 1889*, referente a Ponte de Lima

<sup>25</sup> Há outros rapazes há que vieram da roda e, depois de preparados com estudos, tiveram como destino o Brasil, como podemos ver em RODRIGUES, Henrique- *Emigração de expostos, órfãos e filhos ilegítimos no século XIX com destino ao Brasil*, separata de *Expostos e Ilegítimos na Realidade Ibérica, do século XVI ao presente, actas do III Congresso da ADEH, o.c.*, pp.106-126. Ver, ainda, RODRIGUES, Henrique Fernandes- *Alto-Minho no século XIX, o.c.*, pp. 983-1060.

[Figura 1]

**RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES E CAIXEIROS DO ALTO-MINHO REGISTRADOS NOS LIVROS DE RECENSEAMENTO MILITAR ENTRE 1856-1899**



A informação é mais completa em relação os quadros familiares de onde emergem os órfãos, quando os rapazes tinham perdido uma ou as duas células do núcleo. Num total de três dezenas, quatro estudantes tinham perdido ambos os progenitores e seis viviam com o elemento masculino, além de vinte órfãos de pai que dependiam das respectivas mães.

Este grupo está distribuído por Braga, com nove; Coimbra, onde residiam quatro; Porto, com dois; em Ponte de Lima, estudavam cinco e em Viana do Castelo só existe nota de um único registo. Os restantes não nos permitiram saber onde frequentavam os estudos, pois não foi indicada a residência. Destaque-

-se, entre aqueles, um rapaz que era *académico* em Coimbra e não tinha mãe, <sup>(26)</sup> outro, cujo pai tinha falecido, aparece registado como *universitário* na mesma cidade. <sup>(27)</sup> Em Braga, no seminário, estudavam três jovens, um sem pai, outro que tinha perdido a mãe e o terceiro sem qualquer dos membros ascendentes, além de mais dois alunos que frequentavam um colégio de Braga e outro de Viana do Castelo, não havendo indicações precisas sobre tais escolas.

É entre os que perderam uma das células do lar que mais se nota a origem social destacada, se considerarmos que oito jovens eram oriundos de famílias onde a mãe era tratada por *Dona*, indicador que não aparece em qualquer circunstância e que para nós é revelador de que corresponde a um tratamento socialmente importante, devido a quem tivesse um estatuto que o permitisse, como as famílias Vasconcelos, os Pimenta da Gama, os Mendonças, os Abreu Teixeira, os Sá Coutinho, os Norton, entre outros.

Os estudantes que têm pais bem posicionados socialmente pertencem a famílias onde a mãe era conhecida e identificada com o respectivo título. São mais de duas centenas as que foram arroladas com tais predicados, enquanto que para os pais só detectámos quatro que eram portadores de habilitações académicas, registados com graus de bacharel ou doutor.

Por fim, em relação ao serviço militar, anote-se que somente dois foram dados como incapazes, um *por ter defeitos nos dedos dos pés*. São cinco os que remiram de acordo com a lei, tendo pago o respectivo valor; dois apresentaram substituto; três foram *dispensados* do cumprimento deste dever cívico e trinta e seis reclamaram de acordo com a lei e viram as suas pretensões satisfeitas. Cremos que se tratava de aulistas que se encontravam, em grande maioria, a frequentar o seminário, embora só três tenham especificado que eram alunos de teologia. Em relação aos estudos universitários só um tem a indicação de que era aluno de medicina e frequentava o primeiro ano, à data do recrutamento.

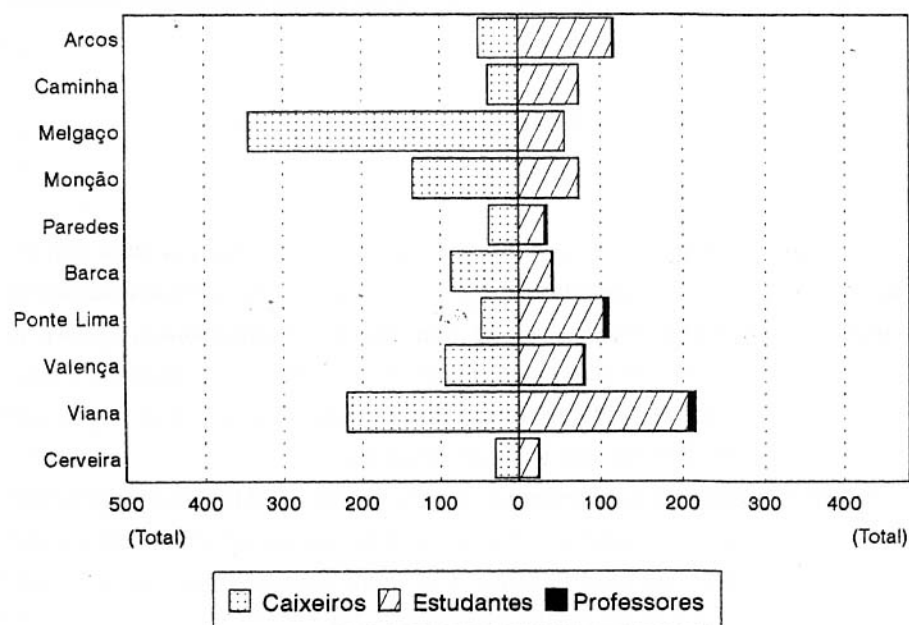
<sup>26</sup> Trata-se de Luís de Sá Coutinho, filho de José de Sá Coutinho e de D<sup>a</sup> Maria José Aurora de Sá Coutinho, nascido em Ponte de Lima, São João da Ribeira, a 24 de Novembro de 1842. Cf., A.G.C., *Livro de Recenseamento de Ponte de Lima, ano de 1863*.

<sup>27</sup> Falamos de Manuel José dos Santos, filho de Joaquim Lourenço dos Santos e de Teresa de Jesus Pereira, nascido na freguesia de Chaviães, Melgaço, a 22 de Março de 1868. Cf., A.G.C., *Livro de Recenseamento de Melgaço, ano de 1868*, folha 31.

Podemos inferir que um bom número destes jovens estudaram no Seminário de Braga, pois assim se confirma pelas listas de alunos examinados no Liceu de Viana do Castelo, em 1862, com o objectivo de ingressarem nos estudos eclesiásticos <sup>(28)</sup>. Ao cruzarmos as fontes, foi possível recensear cerca de quatro dezenas de alunos do ensino secundário, procedentes de vários pontos do distrito de Viana do Castelo, que se submeteram a exames para seguirem rumo à formação religiosa, alguns dos quais foram ordenados sacerdotes do Alto-Minho no período em estudo.

[Figura 2]

### PROFESSORES, ESTUDANTES E CAIXEIROS DO ALTO-MINHO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX



<sup>28</sup> Cf. RODRIGUES, Henrique- *Alunos Examinados no Liceu de Viana do Castelo em 1861 para ingresso no Seminário de Braga, Reflexos do Regalismo*, separata de Actas do Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora, I Volume, Évora, 1994, pp. 179-204.

## **5 - CAIXEIROS**

Os caixeiros constituem um sub-grupo do tirocínio profissional para a ascensão e progressão social dos comerciantes, negociantes e mesmo os classificados como “capitalistas” muitos dos quais se transformaram em homens ligados ao comércio e outros identificados, mais tarde, por proprietários. Estes rapazes são portadores de uma cultura letrada específica, tendo recebido educação escolarizada, pois, quase sempre, antes de iniciarem a actividade, frequentaram a escola. <sup>(29)</sup> Por termos confirmado uma evolução no escalonamento profissional inserimo-los neste texto, pois a maioria deles, além de possuir competências para ler, escrever e contar bastante aperfeiçoadas, passou por um processo de aprendizagem, o que lhes permitiu sucesso profissional e inserção social destacáveis, sendo assim considerados como pertencentes às elites sócio-culturais.

### **5.1 - ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS CAIXEIROS**

Apurámos, entre os mancebos do Alto-Minho, mil e oitenta e quatro jovens arrolados nesta fonte. A distribuição por concelhos mostra-nos que Melgaço e Viana do Castelo são os municípios que mais registos fizeram destes rapazes, à data do cumprimento dos deveres militares. Surpreende-nos o facto de Ponte de Lima apresentar um valor muito reduzido, o que pode explicar-se por ser desconhecido o mester dos que estavam ausentes.

Entre os valores totais relativos ao grupo, vemos que Melgaço, além de ter o maior contributo de caixeiros, é a zona onde menos se encontravam em exercício, com cerca de duas dezenas. Um outro espaço administrativo com

<sup>29</sup> Esta tese foi por nós confirmada ao analisarmos a evolução sócio-profissional do emigrante no século XIX, tendo o estudante saído, refluído e reembarcado na qualidade de caixeiro. Ver RODRIGUES, Henrique Fernandes- *Alto-Minho no século XIX, o.c.*, pp. 385-414; 712-749.

números elevados para a densidade populacional é Ponte da Barca, cujos mancebos arrolados estão quase todos ausentes noutras terras, tendo ficado no próprio concelho menos de uma dezena em actividade.

Verificámos que, em todo o distrito, estes jovens em funções não passam os trinta por cento, à data em que eram chamados para o cumprimento dos deveres militares, estando os restantes dispersos por várias terras e, especialmente, no Brasil.<sup>(30)</sup>

Face a esta questão, a de formar quadros com aptidões para o comércio, habilitando-os com competências de comunicação pela escrita, se no Alto-Minho actuavam pouco mais de três centenas de caixeiros com vinte anos na actividade, qual é o destino dos restantes aqui identificados?

Muitos rapazes tinham partido para as grandes cidades, Lisboa e Porto, locais para onde migraram na perspectiva de um futuro mais risonho ou mesmo para seguirem, mais tarde, rumo a outras paragens. A capital acolheu quase duas centenas e meia, enquanto que no Porto fixou-se uma centena de adolescentes. Estes, juntamente com os que seguiram para Braga, Barcelos e Algarve, formam um conjunto superior a trinta por cento entre todos os caixeiros aqui analisados.

São raros os que se deslocaram, durante a segunda metade do século XIX, para terras de África, tendo sido identificados dois, além de outros tantos que são dados a exercer funções na Galiza e na Holanda.

O maior agregado destes homens é apresentado como emigrantes no Brasil. Há poucas referências ao local para onde se dirigiram, mas temos registos de saídas para o Pará, Rio de Janeiro, áreas para onde embarcaram, respectivamente, dezassete e catorze mancebos. Outras localidades apontadas foram: Baía, Minas Gerais, Maranhão e Juarão (?), contudo é a expressão «ausente no Brasil» que os identifica como emigrantes. Contabilizámos mais de quatro centenas os jovens caixeiros saídos para Terras de Vera Cruz, tendo viajado antes dos vinte

<sup>30</sup> Além de RODRIGUES, Henrique Fernandes- *Alto-Minho no século XIX, o.c.*, veja-se, sobre as profissões dos que se ausentavam: ALVES, Jorge Fernandes- *Os Brasileiros, o.c.* e para o Alto-Minho, até à década de 1860, RODRIGUES, Henrique- *Emigração e Alfabetização, o.c.*



anos com um perfil sócio-cultural específico, pois sabiam ler e escrever, como se prova pelo *ductus* ao firmarem o nome, e exerciam uma actividade que lhes permitiria maior sucesso profissional e ascensão social. Eram as nossas elites que se iniciavam no tirocínio e abandonavam a terra madrastra.

## 5.2 - QUADROS SÓCIO-FAMILIARES

Quando no interrogamos sobre a origem social, descobrimos que entre este grupo há mais de vinte por cento provenientes de lares precários, no tocante à existência ou não de ambos os progenitores. Neste quadro, como anteriormente, inserimos os ilegítimos, os expostos e os órfãos.

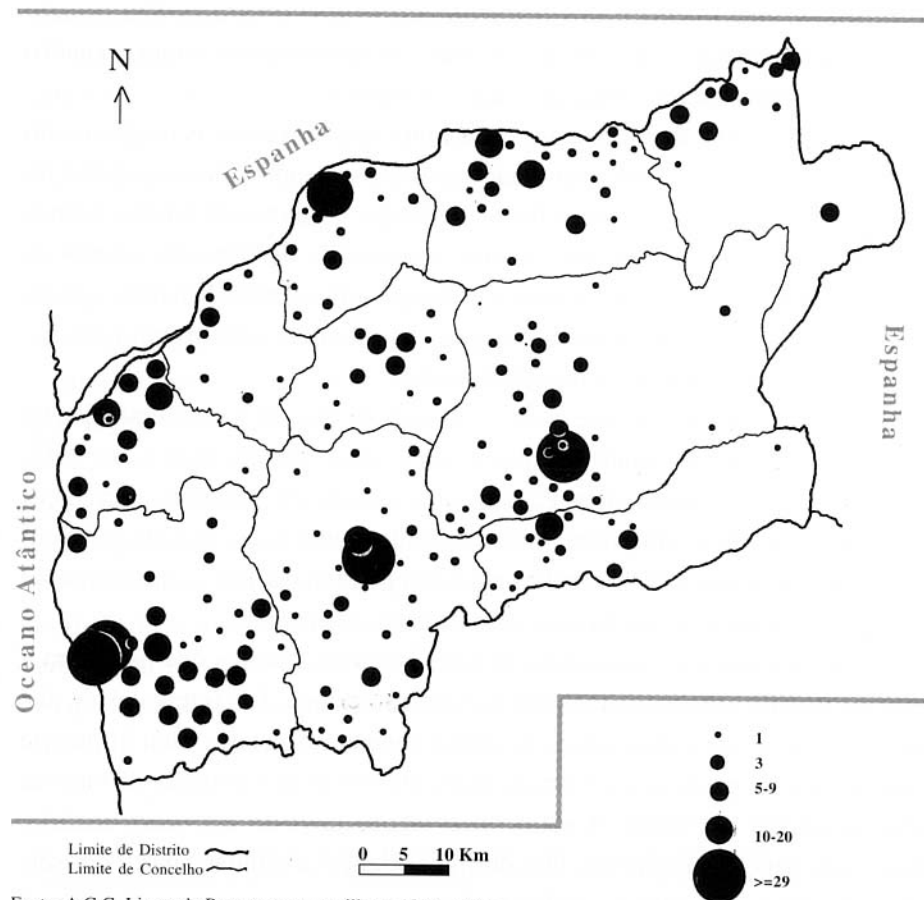
Os nascidos fora do matrimónio detêm maior impacto, pois contabilizámos mais de onze em cada centena de casos, logo seguidos pelos que viviam sem pai. Estes e os que perderam ambos os genitores passam de oito dezenas. Os órfãos de mãe não parecem muito decididos a deixar a terra. Por fim, sem destaque, apresentam-se quatro com o perfil de exposto a exercerem a profissão de caixeiro. Surpreendentemente, trata-se de três homens do concelho de Melgaço, um dos quais tinha ido para Lisboa, segundo informação da *mãe adoptiva*; outro residia no Porto e um terceiro estava no Brasil.

A origem familiar, além dos aspectos já observados, pode ser analisada através das referências aos pais. Não encontrámos caixeiros filhos de licenciados, pelo menos o título de bacharel ou doutor não foi identificado. Em relação à mulher de estratos mais elevados, por isso de famílias socialmente destacadas, temos noventa e um caixeiros filhos de senhoras classificados com o título *Dona*. Em Melgaço, Valença, Monção e Viana do Castelo há o maior número de casos, de que se destacam os dois últimos municípios. Dos restantes encontramos uma senhora nos seguintes concelhos: Caminha, Ponte da Barca, Ponte de Lima e Vila Nova de Cerveira. Tal constatação não poderá servir para obter conclusões, quer porque os cadernos de recenseamento foram elaborados ao longo de quase meio século por pessoas diferentes, quer porque, de acordo com os vários momentos, pode ter havido maior sensibilidade para o registo destas normas de tratamento social. Certo é que estamos perante mais de oito por cento de caixeiros cujas mães tinham um tratamento social de privilégio, o que é indicador de um escalonamento próprio das elites, por isso mais afastados das franjas que formam

a base social da pirâmide. A confirmar esta nossa interpretação estão os apelidos Castro, Calheiro, Bacelar, Malheiro, Quartin, Caldas, Teixeira, Abreu, Meneses, Barros, entre muitos outros que detinham uma posição destacada na sociedade do Alto-Minho e cujos descendentes masculinos se apresentam aos vinte anos a ocupar profissões promissoras e determinantes para a ascensão social.

[Figura 3]

**DISTRIBUIÇÃO DE ESTUDANTES E CAIXEIROS  
POR LOCAL DE NASCIMENTO SEGUNDO OS LIVROS DE  
RECENSEAMENTO MILITAR (1856-1899)**



Fonte: A.G.C. Livros de Recenseamento militar - 1856 - 1899

## 6 - CONCLUSÃO

As duas categorias profissionais mais expressivos, caixeiros e estudantes, quando distribuídas e comparadas por espaços concelhios, permitem-nos observar que nos Arcos de Valdevez, Caminha e Ponte de Lima os escolares são em maior número. Também em Paredes de Coura, Valença, Cerveira e Viana do Castelo os valores quantitativos estão muito próximos, com uma ligeira margem de superioridade em relação aos que trabalhavam na actividade comercial. Só o município de Melgaço nos surpreende por apresentar uma cota muito expressiva de caixeiros, com oitenta e seis por cento em relação ao grupo. Um cenário idêntico é observável para Monção, onde só encontramos trinta e quatro académicos em cada cem mancebos aqui analisados.

Podemos inferir, no tocante aos estudantes, que nem todas as freguesias do distrito foram contempladas com académicos aos vinte anos. A margem Sul do rio Lima mostra-se mais preenchida. Ao longo do curso do Minho vemos concentrações bem expressivas, embora o concelho de Cerveira ostente os números mais reduzidos de rapazes em frequência escolar. Notamos que as localidades afastadas dos centros municipais, ou que se encontram mais isoladas, contribuem com quantitativos mais definidos.

Afigura-se-nos importante mostrar, através da data de nascimento, que há uma presença mais relevante dos que viram a luz do dia em 1838 e em 1845, quer caixeiros, quer estudantes. Passada uma década, em 1855/56, as crianças nascidas nestes anos são protagonistas volvidos vinte anos, quando um bom número não emigrou, tendo a família optado por permitir o acesso a uma formação académica conducente a uma profissão de estatuto elevado.

O mesmo ritmo é visível em 1864/65. De novo, para os que nasceram a meio da década seguinte, temos um movimento cíclico. Em intervalos de dez anos, há grupos que continuam os estudos e encontram na terra natal formas de superar a ida aos ganhos para o Brasil, preparando-se para a assunção de funções administrativas das elites. A estas observações junta-se um outro cenário. Através da data de nascimento, descobrimos crianças a estudar a partir dos seis anos de idade, pelo que a escolarização ocorreu em momentos de reforma

educativa ou quando o parque escolar se redimensionou <sup>(31)</sup>, especialmente a meados da década de 1840 e nos inícios de sessenta, assim como para os primeiros anos de 1880, onde os estudantes são em número bem expressivo, ultrapassando mesmo as quatro dezenas. <sup>(32)</sup>

Uma outra constatação aponta para a relação existente entre os fluxos migratórios intensos em anos em que estes mancebos nasceram e que correspondem aos ritmos mais fracos de estudantes ou caixeiros registados à data do recenseamento militar. Uma nota sobre os professores, em actividade, antes de cumprirem o serviço militar, vai para o facto de se apresentarem muito jovens no exercício da profissão docente.

Os mancebos que, aos vinte anos, se encontravam a estudar em cidades como Coimbra e Braga, - uns devidamente identificados como estando em formação para o sacerdócio -, preparavam-se, certamente, em competências específicas para o exercício profissional que a formatura em Coimbra iria permitir, adquirindo, o título de bacharéis em medicina ou como advogados.

Este conjunto de cerca de um milhar de homens vai formar uma elite com responsabilidades pela cultura e pela educação no século XIX e primeira metade da centúria seguinte, já que outros rapazes, cerca de dois milhares de estudantes e caixeiros, no mesmo período, tendo adquirido ensinamentos escolares, optaram por seguir rumo ao Brasil.

Se os estudantes constituem o embrião de uma classe social de onde emergirão as elites política e intelectuais, os caixeiros formarão a base do estrato que originará o grupo de controlo comercial, como os comerciantes, negociantes e proprietários. cremos que aqui se encontrará a configuração de agremiações com formação académica de que germinarão os líderes de opinião, se considerarmos as competências que a escola lhes facultou e as actividades para as quais procuravam habilitações, de que destacamos, entre outros, os agentes da saúde, do ensino e da área da justiça.

<sup>31</sup> Cf. RODRIGUES, Henrique- *Emigração e Alfabetização, o.c.*, pp. 203-214.

<sup>32</sup> Ver o trabalho de RODRIGUES, Henrique- *Escolarização e Alfabetização no Alto-Minho na segunda metade do século XIX*, comunicação ao VII Congresso de la ADEH, Granada, Facultad de Letras e Filosofia, 2004.

[QUADRO 1]

ESTUDANTES, PROFESSORES E CAIXEIROS DO ALTO-MINHO NA  
SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Profissões	Estudantes	Professores	Caixeiros	Total
Concelhos				
Arcos de Valdevez	115	2	51	168
Caminha	73	1	39	113
Melgaço	56	0	344	400
Monção	73	1	135	209
Paredes de Coura	32	3	38	73
Ponte da Barca	40	2	86	128
Ponte de Lima	103	7	48	158
Valença	78	3	94	175
Viana do Castelo	206	9	219	434
Vila Nova de Cerveira	24	1	30	55
TOTAL	800	29	1084	1913

[QUADRO 2]

RESIDÊNCIA E NATURALIDADE DOS ESTUDANTES REGISTRADOS  
NOS LIVROS DE RECENSEAMENTO MILITAR

<i>Concelhos do Alto-Minho</i>	Naturalidade	%	Residência	%
Arcos de Valdevez	115	14,4	36	4,5
Caminha	73	9,0	8	1,0
Melgaço	56	7,0	1	0,1
Monção	73	9,0	11	1,4
Paredes de Coura	32	4,0	1	0,1
Ponte da Barca	40	5,0	17	2,1
Ponte de Lima	103	13,0	74	9,2
Valença	78	9,8	22	2,8
Viana do Castelo	206	25,8	25	3,1
Vila Nova de Cerveira	24	3,0	3	0,4
<i>Outros concelhos</i>				
Braga			110	13,8
Coimbra			35	4,4
Guimarães			1	0,1
Lisboa			1	0,1
Porto			30	3,8
Não referido			425	53,1
TOTAL	800	100,0	800	100,0

[QUADRO 3]

DISTRIBUIÇÃO DE CAIXEIROS POR NATURALIDADE  
E ÁREA DE RESIDÊNCIA

<i>Concelhos Do Alto-Minho</i>	Naturalidade	%	Área de Residência	%
Arcos de Valdevez	51	4,7	4	0,4
Caminha	39	3,6	4	0,4
Melgaço	344	31,7	18	1,7
Monção	135	12,5	96	8,8
Paredes de Coura	38	3,5	29	2,7
Ponte da Barca	86	7,9	8	0,7
Ponte de Lima	48	4,4	12	1,1
Valença	94	8,7	33	3,0
Viana do Castelo	219	20,2	96	8,9
Vila Nova de Cerveira	30	2,8	7	0,6
<i>Outras áreas</i>				
Barcelos			3	0,3
Braga			14	1,3
Porto			101	9,3
Lisboa			241	22,2
Faro/Algarve			2	0,2
Pará			17	1,6
Rio de Janeiro			12	1,1
Brasil			378	34,9
Várias do Brasil			5	0,4
Galiza/Holanda			2	0,2
Luanda/África			2	0,2
TOTAL	1084	100,0	1084	100,0



[QUADRO 4]

## ESTUDANTES E CAIXEIROS POR ANO NASCIMENTO E DATA DE INGRESSO NA ESCOLA (6 ANOS DE IDADE)

Ano de nascimento	Estudantes	Caixeiros	Total	Ingresso na escola
1835	12	7	19	1841
1836	28	15	43	1842
1837	15	9	24	1843
1838	28	33	61	1844
1839	26	14	40	1845
1840	22	36	58	1846
1841	20	34	54	1847
1842	12	42	54	1848
1843	19	24	43	1849
1844	27	24	51	1850
1845	29	40	69	1851
1846	14	19	33	1852
1847	17	25	42	1853
1848	23	24	47	1854
1849	12	27	39	1855
1850	8	12	20	1856
1851	16	30	46	1857
1852	17	31	48	1858
1853	29	29	58	1859
1854	13	25	38	1860
1855	23	38	61	1861
1856	16	45	61	1862
1857	14	32	46	1863
1858	11	28	39	1864
1859	13	31	44	1865
1860	9	12	21	1866
1861	9	18	27	1867
1862	19	34	53	1868
1863	12	27	39	1869
1864	18	40	58	1870
1865	14	46	60	1871
1866	12	16	28	1872
1867	13	9	22	1873
1868	8	11	19	1874
1869	18	20	38	1875
1870	6	9	15	1876
1871	14	19	33	1877
1872	9	7	16	1878
1873	11	11	22	1879
1874	10	9	19	1880
1875	17	5	22	1881
1876	36	23	59	1882
1877	38	48	86	1883
1878	41	26	67	1884
1879	22	20	42	1885
Total	800	1084	1884	Total

**Nota:** A lista de estudantes, caixeiros e professores arrolados nos Livros de Recenseamento Militar de 1856 a 1899 vai em anexo no fim deste tomo. (pág. 285)